

IGREJA E INTERVENÇÃO SOCIAL EM BELÉM: O DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO MUSICAL COM CRIANÇAS EM ESTADO PERMANENTE DE RISCO PESSOAL E SOCIAL DO BAIRRO DO BENGUI

Carlos Augusto Pinheiro Souto*

Resumo

Este artigo é um recorte de pesquisa realizada para a conclusão do curso de especialização em Ciências da Religião. Tem como proposta de investigação, a análise do Desenvolvimento das Habilidades Sociais através da música com crianças da Escola de Música da Comunidade Eterna Aliança do Benguí, em Belém do Pará. Buscaremos delinear as atividades realizadas para compreender o impacto dessas vivências musicais no favorecimento da inclusão social dos alunos. Procuraremos apresentar uma fundamentação teórica que possa circunscrever a importância desse tema focando nos indicadores: educação musical, Habilidades Sociais e Inclusão social.

Palavras-chave: Educação Musical. Inclusão Social. Habilidades Sociais.

Abstract

This article is an excerpt from research conducted for the completion of the specialization course in Religious Sciences. Its research proposal, the analysis of the Development of Social Skills through music with children of the Community Music School of the Eternal Covenant Bengui in Belém do Pará seek to outline the activities undertaken to understand the impact of these musical experiences in fostering social inclusion students. We will seek to provide a theoretical basis that could limit the importance of this topic focusing on indicators: music education, Social Skills and Social Inclusion.

Keywords: Music Education. Social Inclusion. Social Skills.

Introdução

A presente pesquisa é motivada pelo interesse em estudar a educação musical na igreja evangélica, como aliada no processo de construção de uma cidadania plena. O presente trabalho se constitui como pesquisa em andamento, portanto, os dados bibliográficos e de campo que serão apresentados não

* Carlos Augusto Pinheiro Souto. Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade Teológica Batista Equatorial – Belém – Pa. e mail: august_ana@hotmail.com

* Igreja e Intervenção Social em Belém: O Desenvolvimento das Habilidades Sociais Através da Educação Musical Com Crianças em Estado Permanente de Risco Pessoal e Social do Bairro do Benguí. Parte de Monografia de Especialização. Orientador Dr. Manoel Moraes.

representarão os resultados finais da pesquisa, mas dados que serão acrescidos às novas etapas deste projeto.

A Escola de Música – AME, vinculada a Igreja Eterna Aliança, nasceu, conforme relata seu coordenador, da constatação de que havia uma grande demanda de crianças, adolescentes e jovens em estado de risco pessoal e social residente no Bairro periférico do Benguí que não tinha possibilidade de frequentar os cursos das escolas oficiais por dificuldades com transportes e outros. Foi verificado ainda que pelas circunstâncias sociais do bairro em questão a referida demanda estava frequentemente susceptível a ações delinquentes. Assim sendo, em janeiro de 2005 foram iniciados os cursos de musicalização infantil e iniciação musical.

O Bairro do Benguí – Belém – PA, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico/2010), tem 284.670 habitantes. Esse crescimento demográfico desordenado, a falta de moradias e o alto índice de desemprego alavanca o crescimento do comércio informal. Segundo dados do GMB (Grupo de Mulheres do Benguí), o percentual de ocupação no comércio informal chega a aproximadamente 58% da população economicamente ativa do bairro. Os pequenos comércios servem apenas para a subsistência. O Bairro traz consigo as características dos grandes conglomerados humanos como a violência e o número alarmante de crianças envolvidas com a marginalidade. Desta feita, a escola de musica da Igreja Eterna Aliança, iniciou um trabalho de valorização das potencialidades das crianças e iniciou um trabalho de formação musical que há 06 anos ininterruptos tem contribuído com a diminuição dessa estatística degradante presente nas grandes áreas de concentração humana. Assim sendo, podemos problematizar o tema através da seguinte questão: A Educação Musical realizada na igreja Eterna Aliança no Benguí contribuiu com o desenvolvimento das habilidades sociais possibilitando assim o ajustamento e equilíbrio social.

O Campo Empírico da Pesquisa

O Bairro do Benguí como ocupação desordenada apresenta uma série de características sociais desfavoráveis àquelas crianças, visto que naquele local as condições de saneamento e infraestrutura são precárias. As famílias são desprovidas de grandes recursos, o que lança as crianças ao ofício de vendedores ou catadores de latinhas e outros materiais recicláveis. Essa condição as expõe a todo tipo de ação marginal, desde o pequeno furto até o assalto a mão armada.

O nível de escolaridade entre os moradores é baixo e a maioria tem apenas o ensino fundamental incompleto. Não existe um espaço público de cultura esporte e lazer. Não existem cinemas nem teatros. Os mais próximos ficam a 50 minutos do bairro. Com esse quadro social é possível prever uma realidade que transita entre a violência doméstica, o roubo a mão armada e o assassinato frequente de jovens em tenra idade envolvidos com ações delinquentes.

Associado a uma imagem negativa, o bairro do Benguí é visto como um lugar de violência, vulgaridade e carência dos bens essenciais a uma vida com dignidade. Os indivíduos que ali residem são estigmatizados como pessoas com “menos cultura”, em alguns casos, violentos, vulgares, perigosos e insensíveis à própria vida. Desconsiderando um dos mais importantes princípios que norteiam a cidadania moderna que concebe o homem como “indivíduo portador de direitos em condições de participar da esfera pública,”¹ o poder público pouco tem feito no sentido de implementar ações que realmente possam desmistificar essa realidade. Não obstante a falta de ações educativas, em que se pese a ausência de políticas públicas na área educacional, a falta de investimentos em projetos sociais que possam trabalhar a formação profissional e cidadã, o Bengui é cotidianamente visitado por uma “política de segurança usualmente de repressão, [...] Essa combinação perversa – presença enfraquecida do Estado, junto com a presença ostensiva dos grupos do tráfico ou milícias – leva à impossibilidade de existência de cultura cívica.”² No que diz respeito aos direitos humanos,

significa falar, tanto da ação do Estado com seu papel estruturante para a efetivação dos vários direitos, cujo objetivo último é sua possível universalização, quanto da ação dos atores na reivindicação de demandas específicas.³

Em se tratando da realidade brasileira percebemos um distanciamento entre o ideal e o praticado no que diz respeito aos diversos tipos de direito. O bairro do Bengui representa um bom exemplo disso. Moradias precárias, falta de saneamento básico que se arrasta por várias décadas, ausência de ações de caráter formativo e preventivo, falta de oportunidades que contribua efetivamente com a aquisição das habilidades sociais e conflitos permanentes entre grupos de traficantes, milícias e

¹ PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann. (organizadores). A Escola e a Favela. Rio de Janeiro: Ed Pallas, 2009. pg.17.

² PAIVA, 2009, pg.19.

³ PAIVA, 2009, pg.17.

polícia que impõem a cultura do terror naquele lugar. O simples fato de morar nesses bairros periféricos representa em termos gerais um desrespeito aos direitos humanos.

As crianças que crescem no Bengui convivem cotidianamente com cenas de violência, consumo e tráfico de entorpecentes, desrespeito e imoralidade. Essa convivência, por sua vez, acaba contribuindo para a formação de um *habitus* local, conforme o conceito de Bordieu, que é incorporado no *modus vivendi* das crianças através da disposição para sentir, pensar e agir a partir daquilo que observam e vivem no dia a dia. Os “efeitos do lugar”, na perspectiva de Bordieu, conforme Burgos (2009), são evidenciados quando “os espaços da cidade podem produzir importantes assimetrias políticas, fortes identidades/rivalidades locais, preconceitos e ressentimentos mútuos, e até mesmo estigmas.”⁴ Neste sentido, as crianças, apresentam, ora um comportamento de inferioridade pela sua condição de morador da periferia, exponencializando assim o binômio identidade/rivalidade, ao se compararem com crianças dos centros urbanos, ora de violência como forma de chamar atenção para sua condição sócio-econômica, bem como adquirir certo *status* e respeito naquele cenário social.

A Igreja Eterna Aliança está situada em um contexto sócio espacial marcado pelo efeito da segregação urbana. Por segregação urbana podemos entender, conforme Burgos, como “a distância social existente entre áreas urbanas que se distinguem não apenas pelas diferenças objetivas entre seus moradores, mas por aquilo que Bordieu chamou de efeitos do lugar.”⁵

Ventura (2009), diz que o estigma associado ao fato de morar na periferia, é outro ponto essencial para o entendimento da existência de sentimentos de inferioridade. “Os alunos convivem cotidianamente com o estigma de favelado, que, por ser uma ideia compartilhada pela sociedade em geral, é, também, interiorizada por eles.”⁶ Para Regina Novaes, conforme Ventura,

o local de moradia era um critério de diferenciação que representava para as gerações passadas, apenas uma expressão de estratificação social, indicador de renda ou pertencimento de classe. Hoje, entretanto, o local de moradia também é marcado por estigmas de áreas urbanas subjugadas a violência. Segundo ela, jovens que moram em favelas e subúrbios, vilas e periferias, morros, conjuntos habitacionais e comunidades são, muitas vezes, vistos como bandido em potencial, que, além de sofrer preconceito

⁴ BURGOS, Marcelo Baumann. A Escola e a Favela. Rio de Janeiro: Ed Pallas, 2009, p.59.

⁵ BURGOS, 2009, p. 59.

⁶ VENTURA, Julia. A Escola e a Favela. Rio de Janeiro. Editora PUC: Ed .Pallas, 2009. p.229 -230.

velado, ainda são discriminados na hora de conseguir emprego. Por isso, é recorrente, [...] o hábito de mentir a respeito do local de moradia.⁷

Não obstante essas marcas que são impressas na criança da periferia, a convivência com crianças de outras classes sociais e ainda o recorrente apelo comercial empurra essas crianças para o consumo dos produtos da indústria cultural massificados pela mídia. Isso representa uma espécie de condição *sine qua non* para uma sensação de igualdade social e enquadramento na cultura globalizada. Nesse contexto surgem os grupos de narcotraficantes que disputam essas crianças não apenas para o consumo, mas para o serviço do tráfico garantindo assim as condições necessárias para uma projeção, mesmo que ilegal, no que diz respeito a capacidade de consumo e ao sentimento de pertença na cultura globalizada e globalizante.

A presença do tráfico, por sua vez, desencadeia a disputa por territórios e “clientes”. O conflito com a polícia, em geral, resulta na morte de traficantes e/ou policiais e até mesmo na morte de pessoas inocentes que são vítimas de balas perdidas. Esse cenário acaba por reforçar o argumento de que a periferia é um espaço social dominado pela cultura da violência.

De acordo com a Central Única das Favelas – CUFA, o bairro do Benguí é um dos bairros periféricos mais violentos de Belém. Como morador do bairro vivenciei, por várias vezes, casos de violência que culminaram em morte, tráfico e consumo de entorpecente à luz do dia, assalto à mão armada, sendo que eu mesmo e minha família fomos vítimas de assalto por duas vezes.

Toda essa realidade degradante acaba por imprimir uma identidade negativa para o bairro, o que, por sua vez, afugenta algumas ações mais pontuais no que diz respeito à educação, cultura e lazer naquele lugar.

O espaço social onde em geral os jovens se encontram é na associação dos moradores do bairro que eventualmente promove ações culturais, nas escolas, nos bares, chamados de *points* e nos diversos segmentos religiosos onde, só contando as igrejas evangélicas, são aproximadamente 40 denominações conforme dados levantados para esta pesquisa.

Assim sendo, percebemos que o estigma de morar na periferia traz em sua bagagem uma exclusão social evidente no que diz respeito ao acesso aos bens públicos. As crianças precisam sair do bairro para fazer um curso de música, inglês

⁷ VENTURA, 2009, p.230.

ou outros e o perigo iminente dessa saída impede que muitas famílias invistam na formação de seus filhos. Por outro lado, a violência presente na periferia deixa de atrair ações mais sistemáticas de inclusão social.

O Desenvolvimento das Habilidades Sociais: Uma Perspectiva Teórica para um conceito

A área de estudos sobre as Habilidades Sociais tem se desenvolvido intensamente nos últimos anos no cenário internacional, repercutindo no Brasil através de autores como Almir e Zilda Del Prette, entre outros que serão citados no decorrer desta pesquisa. É crescente o interesse por essa área de conhecimento dentro de um cenário social complexo que exige cada vez mais que as pessoas tenham comportamentos assertivos frente às várias demandas sociais.

O estudo sobre o desenvolvimento de Habilidades Sociais tem mostrado que essas habilidades são fundantes no estabelecimento das interações sociais, como também mostra que a ausência dessas habilidades poderá comprometer um convívio social satisfatório. Para Del Prette e Del Prette (2009), as habilidades sociais constituem uma classe específica de comportamentos para completar com sucesso uma tarefa social. Essas tarefas sociais podem incluir entrar em um grupo de colegas, iniciar e manter conversação, fazer amigos, brincar com os amigos, etc. É importante notar que as tarefas sociais requerem algumas formas discretas e inter-relacionadas de comportamento social.

Nosso interesse em particular nessa área é investigar de que forma as atividades realizadas na Escola de Música AME da Igreja Eterna Aliança com crianças e adolescentes têm contribuído com o desenvolvimento das Habilidades Sociais. Não estamos considerando para o referido estudo apenas a influência da música ou o *ethos* musical no comportamento do jovem, mas as relações que são estabelecidas e as habilidades e *déficits* que são evidenciados a partir das interações musico-sociais, como ensaio de naipes, grupos e demais seções da orquestra e a repercussão disso no contexto escolar e comunidade em geral.

Existe um extenso número de conceitos, discordantes ou que se complementam entre si quando o assunto é o desenvolvimento das Habilidades Sociais, (HS). Ladd e Mize, conforme Del Prette e Dele Prette (2009), por exemplo, as conceituam como a “habilidade para organizar cognições e comportamentos em um curso de ação integrada, dirigida para objetivos sociais ou interpessoais

culturalmente aceitáveis.”⁸ Segundo o autor, esta análise permite algumas considerações: A primeira argumenta que as culturas podem possuir normas e valores diferenciados entre si e, nesse caso, o que se apresenta como culturalmente aceitável num grupo ou contexto pode ser completamente inaceitável no outro. Essa definição, portanto, supõe um certo ajustamento a padrões culturalmente estabelecidos que podem ser diferentes daqueles do próprio indivíduo. Uma segunda questão faz referência ao sentido adjetivado de habilidades sociais enquanto capacidade para, o que supõe um juízo de valor sobre a qualidade do desempenho. Dessa forma, o autor argumenta que

Defendendo-se a diferenciação entre esses dois termos e a necessidade de uma definição mais sistemática que realmente contemple a dimensão situacional-cultural, pode definir habilidades sociais como um constructo descritivo, como o conjunto dos desempenhos apresentados pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal, considerando-se a situação em sentido amplo, que inclui variáveis da cultura.⁹

Todas as teorias do desenvolvimento humano trabalham com a questão da socialização e da importância das interações e relações sociais enquanto fatores de saúde mental e de desenvolvimento. O autor de “Psicologia das Habilidades Sociais” cita alguns autores como Bellack e Herse; Matson, Sevin e Box, que têm expressado preocupação com as consequências desenvolvimentais dos déficits de habilidades sociais em etapas formativas da vida do indivíduo, reconhecendo que eles podem comprometer fases posteriores do seu ciclo vital. Essa preocupação, segundo o autor, se reforça com as “evidências de correlação entre esses déficits e uma grande variedade de problemas psicológicos como a delinquência infanto-juvenil, o desajustamento escolar, o suicídio e os problemas conjugais.”¹⁰

Neste sentido, o papel da igreja é fundamental no que diz respeito a uma inserção satisfatória na sociedade. A educação musical na igreja pode potencializar comportamentos sociais assertivos e desenvolver um repertório amplo de Habilidades Sociais.

A Educação Musical, vista a partir dessa perspectiva socioeducativa e não tecnicista, contribui com o desenvolvimento das Habilidades Sociais, oportunizando a vivência de competências fundamentais para o convívio social focalizando,

⁸ DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A.P. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999. p.46.

⁹ DEL PRETTE; DEL PRETTE.1999, p. 47.

¹⁰ DEL PRETTE;DEL PRETTE.1999, p. 17.

principalmente, a dimensão transformadora da sociedade através de ações educativas. Concordamos com Carlos Kater quando afirma que:

Música e educação são como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação capaz de promover tanto processos de conhecimento como de autoconhecimento. Nesse sentido, entre as funções da educação musical teríamos a de favorecer modalidades de compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas das vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade.¹¹

Para esse autor, a Educação Musical enquanto ação socioeducativa contribui de forma efetiva com um crescimento não apenas do ponto de vista técnico-musical, mas, sobretudo, no que diz respeito a aquisição de um repertório amplo de habilidades sociais que favorecerão o convívio satisfatório em sociedade. Visto a partir deste prisma, o ensino da música cumpre o papel de promover o bem estar social.

As ações de educação musical desenvolvidas na Escola de Música AME, partem do pressuposto de que a música pode contribuir com o desenvolvimento das habilidades sociais a partir das atividades regulares realizadas. A proposta da escola é desenvolver uma metodologia que contemple, além dos conteúdos técnico-musicais, todo um repertório de habilidades necessárias para o convívio em sociedade.

Na oficina de Flauta doce, por exemplo, além de instruir a criança nos aspectos técnico-musicais, como: notação musical, criação musical e digitação no instrumento, o professor favorece ações que possam desenvolver o relacionamento interpessoal e outras habilidades como: Senso de cooperação; aceitação e valorização do outro; saber criticar e receber crítica; confiança; valorização; disciplina, entre outras habilidades sociais.

A oficina de flauta doce é o primeiro contato que as crianças têm com a música no projeto. No início dessa oficina as crianças apresentaram um comportamento retraído e relacionaram-se, em geral, apenas com aquelas outras crianças com as quais já tinham algum contato. Dessa forma, é preciso favorecer dinâmicas que possam integrar todos os alunos. Georges Snyders, diz que “a aula de música constitui uma ocasião bastante privilegiada de colocar-se em “unísono”

¹¹ KATER, Carlos. In Revista da ABEM n°10, 2004, p. 44.

com os outros, de escutar uns aos outros com as habituais ressonâncias de conhecer-se, apreciar-se e aceitar-se.”¹²

Neste sentido, é preciso desenvolver atividades que favoreçam o desenvolvimento da habilidade de aceitação e valorização do outro. As atividades como duos, trios e quartetos, onde as crianças interagem com todos os outros alunos podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais satisfatórios. O que não pode acontecer, é fecharmos os olhos para essas reações que ocorrem em sala de aula e acabam dificultando o aprendizado e toda a trajetória social dessa criança.

A oficina de flauta doce serviu também para detectar outros tipos de comportamentos que poderão interferir negativamente na vida da criança se não forem seriamente trabalhados. A esse respeito cito o exemplo de outra criança que por não conseguir acompanhar o grupo em determinada melodia começou a chorar em sala de aula. Nessa situação é fundamental que o professor saiba conduzir as atividades de modo que essa criança não fique frustrada em relação à sua participação no grupo. O que está em jogo nesse caso, não é necessariamente o bom desempenho da criança na flauta, mas, sobretudo, sua autoestima e sua capacidade de lidar com a crítica considerando que “pessoas com baixa autoestima, sentimentos negativos de auto eficácia e estilo atribucional derrotista podem apresentar maior dificuldade para lidar com críticas.”¹³ É claro que o bom desempenho no instrumento poderá representar para a criança uma auto realização e um sentimento de pertencimento real naquele grupo, mas isso deverá acontecer de forma natural e não coercitiva. Pouco a pouco a criança vai se descobrindo no grupo como parte integrante do processo e não como parte isolada. Para isso, no entanto, é necessário que os alunos criem vínculos entre si e com o professor, procurando compartilhar e viver novas experiências que serão reveladas no dia a dia dos ensaios, dos estudos individuais e atividades em naipes, no se apresentar, no ser aplaudido e, enfim, no vencer enquanto grupo. Como bem disse Snyders,

trata-se de coletivos que, ao mesmo tempo, perseguem um objetivo musical e o projeto de se construir, de se vivificar como grupo solidário; os participantes se rejubilam com o poder e a emoção coletivos; estruturas e regras se criam pouco a pouco e estabelecem assim sua validade; em resumo, há uma diversidade que tende à unidade, na qual cada parte acha apoio nas outras e se fortalece com as outras.¹⁴

¹² SNYDERS, Georges. *A Escola Pode Ensinar as Alegrias da Música*. São Paulo. Cortez. 2008. p.91.

¹³ DEL PRETTE.;DEL PRETTE. 1999.p.61.

¹⁴ SNYDERS, 2008. p.91.

Percebemos assim que o trabalho desenvolvido na Escola de Música AME da Igreja Eterna Aliança tem possibilitado muito mais que uma técnica musical apurada, mas, sobretudo, têm contribuído com o desenvolvimento de Habilidades Sociais fundamentais para uma inserção social com vistas a uma participação cidadã plena.

Como pode ser visto, o interesse das ações desenvolvidas na escola de música através da educação musical não estão limitadas a um processo reducionista de preparação técnica para um resultado musical satisfatório. Carlos Kater (2004) argumenta que muitos projetos sociais vislumbram como foco predominante a produção de um resultado final, interno ou externo que possa garantir a visibilidade de seus patrocinadores. Kater diz ainda que há uma ausência de consideração e reflexão a respeito da importância de modelos didático-pedagógicos que possam garantir um equilíbrio saudável nas relações interpessoais.

A proposta desenvolvida considera, portanto, que a educação musical é uma aliada no processo de construção das Habilidades Sociais entre crianças e adolescentes. A cada ensaio, apresentação de uma nova música e outras vivências musicais o educador considera o potencial da música no que diz respeito à formação integral da criança no sentido de uma participação mais efetiva na sociedade.

Assim, cooperar para formação de homens, e não apenas de instrumentistas, diz respeito ao objetivo central da educação musical desenvolvida na escola de Música AME – a formação integral do ser humano – contribuindo com o desenvolvimento de sua potencialidade, habilidade, criticidade e análise assertiva dos fenômenos sociais que ocorrem ao seu redor.

O Projeto AME: Um Estudo de Caso

A presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. A música pode mexer fisicamente com as pessoas através do canto e da dança, mas pode ainda movimentar essas pessoas internamente oportunizando um estado elevado de consciência. Hast diz que a música é como uma força invisível que “pode iludir a mente racional e penetrar no coração, acendendo as emoções.”¹⁵

A música tem o poder de inspirar tropas em batalha e também organizar forças sociais. Ela é capaz ainda de coordenar e estimular trabalhadores, enfim, ela

¹⁵ HAST, Dorothea E. O Poder Transformador da Música. Belo Horizonte-MG. Sete. 1999. p. 5.

une as pessoas chamando a atenção e sentimentos para uma experiência coletiva. A música pode animar e entreter, acalmar os nervos e fazer uma criança dormir.

Em todos esses casos descritos, “o poder da música está nas interações com os outros aspectos da cultura.”¹⁶

No que diz respeito a música na educação, Sekeff diz que

a vivência musical que se pretende na educação não diz respeito apenas ao exercício das obras caracterizadamente belas [...], mas sim todas as que motivem o indivíduo a romper pensamentos pré-fixados, induzindo-o à projeção de sentimentos, auxiliando-o no desenvolvimento e no equilíbrio de sua vida afetiva, intelectual e social...¹⁷

A educação musical deve oportunizar à criança a aquisição de conceitos éticos e morais através da linguagem musical. O decifrar dos códigos musicais, bem como a compreensão estética de determinada obra e ainda a execução satisfatória em um instrumento musical aliam-se ao processo de construção das habilidades sociais servindo como importantes ferramentas de inclusão social.

Teka Brito (1998), diz que Koellreutter concebe a educação musical não apenas associada a aquisição de técnicas e procedimentos, mas como instrumento pleno de educação do homem.

As igrejas evangélicas advindas do movimento reformista do século XVI têm percebido o valor da música enquanto instrumento de propagação das verdades bíblicas. Donald Hustad diz que “como em toda a música que há no mundo, a principal função da música sacra é reforçar o sistema de valores da nossa cultura.”¹⁸ Sob esse ponto de vista, a música para os evangélicos representa a declaração de seus valores, a expressão coletiva daquilo em que é concebido como verdade. Sendo assim, a música para os evangélicos representa a possibilidade de apregoar as verdades bíblicas. Os hinários, por exemplo, se constituem como material instrucional utilizado usualmente nas reuniões de adoração e/ou ensino.

Outra orientação que vincula a música ao desenvolvimento das habilidades sociais, tem se evidenciado nas igrejas evangélicas, onde a formação musical tem sido utilizada como aliada na construção de competências sociais que favorecem a participação satisfatória na sociedade.

¹⁶ HAST, 1999. p 5.

¹⁷ SEKEFF, Maria de Lourdes. Da Música: Seus usos e recursos. São Paulo: Editora UNESP, 2007.p.128.

¹⁸ HUSTAD, Donald. P. Jubilate: A música na igreja. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991. p.39.

Observou-se que na Igreja Eterna Aliança a música, além de cumprir os propósitos estabelecidos para o louvor a Deus e para a proclamação do evangelho, está vinculada ao propósito do serviço onde as pessoas da comunidade são alcançadas através de atividades musicais com possibilidades de desenvolver a habilidade musical e serem inseridas num determinado grupo instrumental ou afim.

O método utilizado na AME, apesar de ser desenvolvido num espaço informal, segue uma sistematização metodológica capaz de acompanhar o desenvolvimento dos alunos não somente nos aspectos técnico-musicais, mas também no que diz respeito à aquisição e desenvolvimento das competências sociais.

Na Escola de Música AME é muito evidente a importância que é dada ao estabelecimento de relacionamentos interpessoais satisfatórios, ao desenvolvimento de uma autoestima elevada, senso de cooperação entre alunos e professores; saber dar e receber crítica; saber se posicionar de forma assertiva entre tantos comportamentos necessários para um melhor convívio social.

O acesso à música, é um bem cultural da humanidade e “possibilita ao educando uma integração com o mundo, favorecendo o seu desenvolvimento como ser social.”¹⁹ Nesse sentido, as ações desenvolvidas na Igreja Eterna Aliança têm possibilitado muito mais que a formação técnica dos alunos. As ações têm sido conduzidas com a intenção de preparar o aluno para uma vivência social satisfatória.

Conclusão

Este estudo teve como proposta de investigação a análise do Desenvolvimento das Habilidades Sociais através das atividades musicais realizadas na Escola de Música AME na Comunidade Eterna Aliança do Benguí.

Buscamos inicialmente introduzir o tema referente ao desenvolvimento das Habilidades Sociais vinculado à educação musical realizada pela Igreja Eterna Aliança. A partir dessa perspectiva, procuramos apresentar uma fundamentação teórica que pudesse circunscrever a importância desse tema focando nos indicadores: educação musical e inclusão social.

As práticas musicais vivenciadas pelos integrantes da Escola de Música proporcionam momentos de intenso trabalho para a construção da performance e

¹⁹ SEKEFF, 2007.p.145.

experiências prazerosas de integração social. Analisando os dados fornecidos pela escola, percebemos que o objetivo é proporcionar aos alunos, através do conhecimento musical e das vivências artísticas, a inclusão social, desenvolvendo atitudes, habilidades e integração com os elementos da cultura local, ampliando assim suas possibilidades de participação na sociedade.

De acordo com este estudo, os objetivos do projeto estão sendo plenamente atingidos, conforme podemos testemunhar através da observação de aulas, ensaios e apresentações. Durante as observações em campo podemos perceber que além do conteúdo musical trabalhado há, da parte dos professores, o interesse em cultivar relacionamentos saudáveis entre os alunos. As divisões de naipes servem para construir relacionamentos, a alternância na execução do solo objetiva valorizar a todos mostrando que todos são capazes. A cada solo os alunos são aplaudidos pelos outros alunos e isso potencializava a autoestima das crianças envolvidas.

Nos ensaios gerais para os recitais foi evidenciado o processo de aprendizagem do repertório, onde foram constituídos momentos significativos de aprimoramento, prática e aperfeiçoamento da leitura musical, da compreensão, da interpretação e da técnica instrumental.

Assim sendo, acreditamos que a escola de Música AME trouxe muitas vantagens para a aprendizagem musical, bem como para o Desenvolvimento das Habilidades necessárias para o convívio social.

Nessa perspectiva, percebemos o foco das propostas musicais do projeto no prazer de fazer música em conjunto, integrando à compreensão dos conceitos musicais, com isto envolvendo e conquistando os alunos em todo o processo da aprendizagem da técnica do instrumento e das vivências musicais, valorizando, sobretudo, os relacionamentos interpessoais construídos a partir da prática coletiva.

Outro aspecto relevante observado são as relações construídas nos cursos de geração de renda mínima e nas palestras temáticas. Os pais dos alunos frequentavam com assiduidade as atividades e passaram a ser os principais apoiadores do projeto.

As apresentações na comunidade e em diversos locais indicaram momentos marcantes de aprendizagem, estimulando os alunos a se esforçarem e a se dedicarem. De acordo com Severo (2010) o ato de se apresentar traz consigo a função social da música e, sendo em conjunto, prioriza também o fortalecimento do grupo, que implica em cooperação.

Um desafio que surgiu a partir dessa investigação, e que não será aprofundado nesse trabalho por questões de tempo e espaço, é compreender mais amiúde a relação entre o Desenvolvimento das Habilidades Sociais e a Educação Musical como forma de legitimar e consolidar a realização e continuidade do Projeto de Música na Igreja Eterna Aliança do Bengui.

Todas as evidências envolvidas nesse processo de performance proposto pela Escola de Música AME apontam aspectos positivos e significativos na vida daqueles alunos, sendo também reconhecido pela comunidade, pois a procura e o interesse das famílias aumentam a cada ano.

O dia a dia de atividades musicais e de responsabilidades faz com que os jovens tenham novos hábitos e uma nova forma de enxergar a vida, assim como destaca Kater (2004) quando diz que a educação musical revela diversas possibilidades e riquezas em seu processo, podendo ser uma forte ferramenta para a formação integral do educando, sendo possível trabalhar para a formação musical e para novas perspectivas de vida.

Dessa forma, esperamos que este estudo contribua com um momento de reflexão sobre as questões surgidas, contribuindo para a valorização e o estímulo de desenvolvimento dessas práticas nas igrejas da periferia de Belém.

Referências

- BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador: O homem como objetivo da educação musical**. São Paulo: Peirópolis. 2001
- DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A.P. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999.
- HUSTAD, Donald. P. **Jubilate: A música na igreja**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.p.39
- KATER, Carlos. Revista da ABEM nº 10. **O que podemos esperar da educação Musical em projetos de ação social**. Porto Alegre: UFRGS. 2004. Pgs 43-51
- PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann. (organizadores). **A Escola e a Favela**. Rio de Janeiro. Editora PUC: Ed Pallas, 2009.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. Da Música: Seus usos e recursos. São Paulo: Editora UNESP, 2007.p.128
- SEVERO, Keliezy Conceição. **A orquestra de flautas da E.M.E.F. Heitor Villa-Lobos [manuscrito]: uma investigação qualitativa sob a ótica da inclusão social**. Porto Alegre, 2010

SNYDERS, Georges. **A Escola Pode Ensinar as Alegrias da Música**. São Paulo. Cortez.2008

SOUTO, C.A.P. **Igreja e Intervenção Social em Belém [manuscrito]: O Desenvolvimento das Habilidades Sociais Através da Educação Musical com Crianças em Estado Permanente de Risco Pessoal e Social do Bairro do Benguí**. Belém. 2012